

A ANIMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL: UM PANORAMA

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo apresentar o percurso histórico da animação cultural no Brasil, do ponto de vista dos diálogos teóricos estabelecidos e das experiências de intervenção desenvolvidas. Ao apresentar tal panorama, procura identificar os principais desafios para o aprofundamento das discussões ligadas a temática. Ao final, conclui-se que as temáticas lazer e a animação cultural nos últimos 20 anos têm se tornado cada vez mais uma preocupação e avançam as iniciativas ligadas tanto à reflexão teórica sobre o assunto quanto ao número de experiências concretas de intervenção. Mas ainda são enormes os desafios a serem encarados e muitas as ações e as tarefas a serem encaminhadas para tornar qualitativamente superior nossa compreensão e nossa capacidade de intervenção. Sugere-se que no Brasil uma das dimensões importantes nesse processo de construção é o contato com as experiências em desenvolvimento em outros países, tanto da América Latina quanto da Europa. Congressos como este são fundamentais para contribuir para nosso avanço e esperamos que seja um passo concreto no sentido de estabelecimento de uma rede eficiente de colaboração.

No Brasil, as primeiras iniciativas de intervenção relacionadas à animação cultural partem de preocupações com o lazer da população das grandes cidades, cujos primórdios se encontram no quartel final do século XIX. Tais preocupações podem ser entendidas no contexto de duas ocorrências históricas. Uma delas é o surgimento das primeiras organizações operárias. Entre suas reivindicações pioneiras estava a redução da jornada de trabalho. Desde as primeiras greves, os trabalhadores passaram a lutar por um maior tempo livre do trabalho, a exemplo do que ocorrera e ocorria na Europa. Na verdade, o contexto crescente de industrialização paulatinamente vai inserir o país em movimento semelhante ao do continente europeu.

Além disso, o próprio contexto de modernização da sociedade brasileira, observável desde meados do século XIX, vai contribuir para tornar importante, para as cidades em crescimento, os momentos de vida festiva. Podemos identificar uma busca paulatina dos espaços públicos e uma organização crescente do mercado de diversões, inicialmente com o teatro, posteriormente com o esporte e o cinema. Algo similar ao que ocorrera na Europa no período conhecido como *Belle Époque*².

Naquele momento, contudo, o lazer ainda não era compreendido enquanto um campo acadêmico e de intervenção profissional. Tais perspectivas somente desenvolvem-se a partir da década de 1920, quando alguns profissionais, influenciados pela experiência norte-americana e européia, começam a se preocupar com maior profundidade e propor estratégias de melhor organização dos espaços de lazer de algumas cidades, notadamente em Porto

¹ . Coordenador do grupo de pesquisa “Lazer e Minorias Sociais” (<http://www.lazer.eefd.ufrj.br>).

² . Maiores informações podem ser obtidas em: NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; e MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

Alegre (dirigidas por Frederico Gaelzer), em São Paulo (implementadas por Nicanor Miranda), e um pouco posteriormente no Rio de Janeiro (com o Serviço de Recreação Operária, dirigido por Arnaldo Sussekind)³. Essas experiências delineiam os primórdios da animação cultural em terras brasileiras.

As primeiras “Praças de Esporte” e “Centros de Recreios” surgiram na transição das décadas de 20 e de 30 do século XX, inseridas no contexto de controle dos espaços públicos das cidades, processo em desenvolvimento desde o fim do século XIX. Naquele momento, as atividades “recreativas” eram entendidas como forma de manutenção da saúde e recuperação da força de trabalho, dimensões importantes para um país que se industrializava e sentia os impactos desse processo, principalmente na organização das cidades, que cresciam rapidamente e de forma desordenada. Não por acaso houve uma forte ligação e um grande oferecimento de atividades físicas, consideradas as mais adequadas tendo em vista tais intuitos.

No Brasil, os autores pioneiros das reflexões sobre a animação cultural (entendida naquele momento como “recreação”) a compreendiam enquanto uma boa solução para minimizar os problemas desencadeados pela modernidade, possibilitando intervenção na saúde e na higiene dos habitantes. Eram críticos em relação às mazelas sociais, mas não em relação às injustiças sociais que as ocasionavam, bastando a administração de um remédio eficaz que “mascarasse” os sintomas: as “atividades recreativas”. Uma visão, enfim, funcionalista, de adequação, não de superação efetiva do problema.

Assim sendo, rapidamente se estabeleceu uma forte relação com o profissional de Educação Física, encarado como o que possuía a formação mais adequada para atuar no campo da “Recreação” que se estruturava. Não por acaso durante muitos anos este foi o profissional que esteve mais atuante com as atividades de lazer, uma dimensão ainda hoje presente e facilmente identificável na presença constante de disciplinas ligadas ao campo de atuação em praticamente todos os cursos de formação profissional da área de Educação Física⁴.

Vale a pena destacar que nesse momento também passamos a conviver com duas nomenclaturas: “recreação”(uma influência norte-americana) e “lazer” (uma influência européia). Esta dupla definição persiste até hoje entre nós, normalmente sendo utilizado o primeiro termo para designar o conjunto de atividades e o segundo para abordar o fenômeno social. Curiosamente, a utilização do termo e do conceito de animação cultural ainda é, em nosso país, recente e carente de estudos e compreensões mais aprofundadas.

O problema é que historicamente foi construída uma restrição do termo “recreação” a um conjunto de atividades (jogos, brincadeiras etc.), empobrecendo o entendimento do fenômeno lazer e restringindo as possibilidades de intervenção pedagógica da animação cultural a um simples oferecimento despretensioso de tarefas destinadas somente a passar o tempo. Somente nos últimos 20 anos se tornou mais comum criticar tal restrição e tem se tornado freqüente outras estratégias de intervenção que ampliem o sentido pedagógico da animação cultural.

Naquele momento histórico (décadas de 1920 e 1930), um outro campo de intervenção trouxe à tona as preocupações com as “atividades recreativas”: o primeiro segmento escolar, aquele que abarca as crianças mais jovens por ocasião de sua entrada nos colégios, mais uma vez estabelecendo-se uma forte ligação com a Educação Física.

³ . Maiores informações podem ser obtidas no estudo: WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Tese de Doutorado.

⁴ . Maiores informações podem ser obtidas em: MELO, Victor Andrade. *Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis – um enfoque na questão da formação*. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

A partir daquele instante começa-se de forma enfática a apresentar as atividades de “recreação” como as mais adequadas para atuar com a Educação Física com crianças daquelas séries iniciais, uma preocupação que já existia nas Escolas Normais desde o século XIX. Vejamos mais uma vez que, na verdade, referia-se a jogos e brincadeiras, as confundindo com os mesmos implementados nos parques e praças.

Com as preocupações com a animação cultural (no Brasil, restrita a questão da “recreação”) em pleno desenvolvimento, começaram a surgir disciplinas específicas nos cursos de graduação em Educação Física e a surgir os primeiros livros ligados ao assunto, pioneiras tentativas de teorização e de constituição de um campo acadêmico mais sólido. Nas décadas de 40 e 50 estes livros eram em geral apanhados de jogos, uma prática que persiste até os dias de hoje, ou tentativas de teorização a partir de conexões com a psicologia. Surgem também os primeiros cursos de aprofundamento e extensão, o que demonstra que aumentam as preocupações com a atuação profissional, foco primordial de reflexões.

Nesse percurso podemos identificar alguns problemas que de alguma forma ainda persistem nos dias de hoje: a) uma perspectiva de compreensão das atividades de lazer/animação cultural enquanto remédio para correção dos problemas da sociedade “moderna”; b) em função do contexto social e da formação de origem de grande parte dos profissionais (Educação Física), uma valorização excessiva das atividades físicas, quando o campo do lazer/animação cultural é por certo mais amplo; c) a não consideração das diferenças entre atividades a serem aplicadas na escola e fora dela, notadamente a partir da adoção da noção de “recreação”; d) uma maior valorização para o simples elencar de atividades e pouca compreensão acerca da importância dos referenciais teóricos que permitam uma intervenção qualitativamente superior⁵.

É somente no final da década de 1960 e no decorrer da década de 1970 que as discussões relacionadas ao lazer e à animação cultural ampliam-se e tornam-se mais frequentes, tanto nas instituições acadêmicas quanto no âmbito das organizações governamentais. O lazer começa a ser considerado com um fenômeno social de grande importância e paulatinamente a ser encarado como um direito social como qualquer outro. Além disso, as experiências de Educação Popular, comuns a partir daquele momento, acabam por apresentar os limites das considerações anteriores e a exigir uma nova postura perante a animação cultural.

No âmbito das universidades organizam-se grupos de pesquisa, realizam-se eventos científicos, escrevem-se artigos e livros sobre a temática, no interior de diferentes áreas de conhecimento (entre as quais pode-se destacar as iniciativas advindas das Ciências Sociais, da Psicologia, da Comunicação Social e da Educação Física). Em comum entre essas diferentes reflexões, deve-se ressaltar a compreensão da característica multidisciplinar da temática.

Além disso, deve-se destacar a tendência de tratar o assunto de forma mais crítica. Isto é, não se trata mais de oferecer um conjunto de atividades para o simples passar do tempo, que acabam contribuindo para a alienação do indivíduo perante a ordem social. Trata-se sim de perceber que temos uma poderosa ferramenta de intervenção à busca da construção de uma nova ordem social, mais fraterna e mais justa.

Nos órgãos de governo, vemos surgir as primeiras iniciativas de elaboração mais estruturada de políticas públicas, mesmo que ainda tímidas e muitas vezes perpetuando determinadas imprecisões conceituais, como sua dissociação do fórum da cultura e com sua ligação direta e linear ao esporte. Sem falar no fato de que as secretarias ligadas a temática normalmente recebem menos verbas, como se ainda persistisse uma rígida hierarquia das necessidades humanas. Curiosamente entre governos conservadores e progressistas vemos

⁵ . Maiores informações podem ser obtidas no estudo: MELO, Victor Andrade de; FONSECA, Ingrid Ferreira. El profesor de Educación Física y su actuación en el area del tiempo libre: relaciones históricas y problemas contemporáneos. *Revista Nexa*, Montevideo, n.171, 1997.

equivocos nas políticas públicas relacionadas ao lazer e à animação cultural, embora sejam no campo da esquerda que encontremos os maiores avanços e perspectivas alvissareiras de intervenção

Nas décadas de 1980 e 1990, além da continuidade de organização do campo acadêmico e do aperfeiçoamento de experiências de intervenção ligadas à animação cultural, vemos o delineamento definitivo no Brasil, embora ainda embrionário, de iniciativas ligadas à organização de uma “indústria de lazer e de entretenimento”, como já ocorrera em outros países do mundo. Notadamente podemos identificar o crescimento das preocupações com o turismo, a consolidação do esporte como poderoso produto de negócios, o fortalecimento do mercado cultural ligado às diversas manifestações artísticas, o aumento do poderio dos meios de comunicação, o rápido (embora desordenado) crescimento do mercado de parques temáticos.

No que se refere aos museus, cinemas, teatros e todo equipamento artístico, vemos que no Brasil também cresce a profissionalização de sua administração e a organização de grandes eventos, sendo cada vez maior a preocupação econômica com tal mercado. É importante também destacar que o Brasil já é reconhecido como parte do grande mercado internacional de cultura, tendo chamado a atenção de conglomerados multinacionais que paulatinamente têm se instalado no país.

Estima-se que a indústria cultural brasileira tenha movimentado no ano de 1998 aproximadamente R\$ 6,5 bilhões (cerca de 1% do Produto Interno Bruto) e que em 2000 mais de 2500 empresas tenham investido em cultura. Somente no Estado do Rio de Janeiro, tal setor movimentou 3,8 % do produto interno bruto (PIB), tendo mobilizado, em 1999, R\$ 5,1 bilhões, recolhendo mais ICMS (imposto sobre circulação de mercadorias) do que indústrias tradicionais como a de química e a de alimentos. Não é de surpreender, então, o resultado de uma consulta da Target Pesquisas, indicando que entre 1983 e 1997 praticamente dobrou, em todas as classes (A,B,C e D), a fatia de orçamento destinada a consumo de produtos de lazer/entretenimento.

A questão é que esse mercado e essas oportunidades têm se desenvolvido de forma bastante seletiva, somente acessível em sua plenitude a pequena parcela da população. O desafio maior nesse momento parece ser estruturar estratégias que permitam e estimulem os extratos excluídos da população brasileira a ter acesso a tais bens culturais, um dos desafios maiores e mais prementes para pensarmos a animação cultural no Brasil⁶.

Como hoje se delinea em nosso país o campo de iniciativas ligadas ao lazer e à animação cultural? Podemos traçar um panorama a partir de seus elementos constitutivos. No que se refere a grupos de pesquisa, nos últimos 10 anos tornaram-se mais estruturados e atuantes coletivos que se dedicam ao estudo de diversos aspectos ligados ao lazer e à animação cultural na sociedade. Até o momento, temos cerca de 50 grupos cadastrados no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), envolvendo 305 pesquisadores dos mais diferentes níveis (desde acadêmicos até doutores), sendo que 37 estão organizados em instituições públicas e os 14 restantes em instituições privadas.

Se analisarmos sua distribuição pelas regiões brasileiras, veremos que a concentração é maior nas regiões Sudeste e Sul: 78% do total (54% na primeira e 24% na segunda). Os outros grupos estão distribuídos na ordem de 18% no Nordeste e 2% tanto para a região Centro-Oeste como na região Norte. Percebemos uma grande concentração de pesquisas nas regiões mais ricas do país, sendo um desafio difundirmos os estudos para aquelas regiões menos desenvolvidas do ponto de vista econômico.

Podemos também identificar que mais da metade dos grupos estão abrigados em faculdades ou departamentos de Educação Física. Outra parte significativa está organizada em

⁶ . Maiores informações podem ser obtidas no estudo: MELO, Victor Andrade de *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: Ibrasa, 2003.

faculdades de Pedagogia (em muitos casos também liderados por profissionais oriundos da Educação Física) e em departamentos de Antropologia. Em cada uma dessas áreas foram identificados 5 grupos. Já nas áreas de Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Administração, Economia e Turismo encontramos 3 grupos em cada uma delas. Finalmente, há também grupos nas áreas de Urbanismo e Arquitetura, Psicologia e Medicina⁷.

Gostaria de ressaltar que, no cadastramento de cada grupo, o coordenador indica palavras-chaves que identificam sua organização. Foi possível perceber que, na verdade, em alguns desses grupos a temática lazer não é a de principal interesse, mas sim ocasionalmente discutida. Mesmo nas linhas de pesquisa de alguns grupos não foi possível encontrar referências explícitas à temática.

Na verdade, temos no Brasil cerca de 15 grupos específicos e exclusivamente organizados para estudar, pesquisar e intervir no campo do lazer e da animação cultural. Um número ainda pequeno se considerarmos a importância que a temática possui e mesmo se levarmos em conta que já existem muitas estratégias de intervenção em desenvolvimento, notadamente em comunidades de baixa renda. A animação cultural tem sido apontada como uma das principais ferramentas de intervenção social e experiências bastante interessantes têm sido implementadas, mas ainda carecemos de um número maior de estudos.

No que se refere a associações científicas, não possuímos no Brasil uma específica e exclusiva dedicada ao lazer e/ou à animação cultural. Contudo, no âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), entidade científica que congrega interessados em discutir a Educação Física e o Esporte, está organizado um grupo de trabalho temático (GTT) para tratar de tais assuntos. O CBCE organiza congressos nacionais a cada dois anos e periodicamente congressos regionais/estaduais, sempre com a participação ativa do GTT de lazer. A temática é também frequentemente abordada no periódico científico daquela entidade: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Além disso, a temática é constantemente discutida nas iniciativas da Associação Brasileira de Bacharéis de Turismo (ABBT), que também organiza periodicamente eventos científicos, como o Congresso Brasileiro de Bacharéis de Turismo; bem como em iniciativas ligadas a associações de outras áreas de conhecimento (o que não surpreende pois estamos falando de temáticas multidisciplinares).

No que se refere a eventos científicos específicos, temos no país dois encontros regulares: a) o Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), realizado anualmente, já estando na sua 15ª edição; b) o Seminário Lazer em Debate, também anual, já estando na sua 4ª edição. Como se pode identificar, temos um número pequeno de encontros específicos para a temática, embora, como em outras iniciativas, a animação cultural também seja eventualmente discutida como mais um dos assuntos em eventos científicos de diferentes áreas de conhecimento.

Pensando na questão da publicação e da difusão de pesquisas e experiências relacionadas aos assuntos, pode-se identificar artigos apresentados nos mais diferentes periódicos, das mais diferentes áreas de conhecimento. Contudo, a “Licere” é o único periódico específico publicado no Brasil, editado já há cinco anos pelo Centro de Estudos do Lazer da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.

Já no que se refere à formação profissional, temos muitas iniciativas organizadas no país. Existem vários cursos livres sendo oferecidos por entidades diversas e/ou em eventos específicos, mas nem sempre pode-se atestar a qualidade dessas iniciativas. Por sua tradição, pela busca de qualidade e por sua organização, julgamos que a entidade que melhor tem buscado atingir o objetivo de uma boa formação do profissional de lazer seja o Serviço

⁷ . Maiores informações podem ser obtidas no estudo: MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Uma introdução aos estudos do lazer*. São Paulo: Manoele, 2003.

Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), notadamente na cidade de São Paulo. Esta instituição oferece cursos de formação de Técnicos e de Monitores de Lazer.

Existem também dois cursos de nível superior especificamente voltados para a preparação do profissional de lazer e de animação cultural. São iniciativas ainda recentes, organizadas na Faculdade Anhembi-Morumbi (São Paulo) e na Universidade do Vale do Itajaí (Univali – Santa Catarina).

Grande parte dos profissionais de lazer e animação cultural continua sendo preparado no âmbito de outros cursos de graduação, notadamente nas faculdades de Educação Física e Turismo, onde existem disciplinas específicas ligadas ao assunto. Vale também destacar que em algumas faculdades de Educação Física é oferecido um aprofundamento específico para o lazer, normalmente a partir do terceiro ano de curso.

No caso de pós-graduações, no nível de mestrado e doutorado, o assunto tem sido abordado em programas das mais diversas áreas (Educação Física, Psicologia, Comunicação, Educação, Ciências Sociais, Turismo, entre outras). No âmbito da Educação Física, destaca-se o programa da Universidade Estadual de Campinas (única faculdade que possui um departamento de “Estudos do Lazer”).

No caso das especializações (pós-graduações *lato sensu*), encontramos quadro semelhante ao das graduações. A temática é tratada em alguns cursos na área de Educação Física e Turismo, por meio de disciplinas próprias ou com o estímulo a produção de monografias, entretanto existem poucos cursos completamente dedicados à formação do profissional de lazer.

Entre esses, destaca-se o Curso de Especialização em Lazer, promovido e oferecido pelo Centro de Estudos de Lazer da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, o único oferecido com regularidade, já estando na sexta turma. Por lá passaram muitos dos profissionais que hoje atuam como animadores culturais e/ou como pesquisadores na área.

Existem também os cursos de especialização no formato MBA (Master Business Administration), cujo objetivo pronunciado é a formação do administrador e do gestor de negócios. Nesse caso, destacamos a ação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde encontramos o MBA em Turismo, Hotelaria e Entretenimento, composto por 18 disciplinas. É um curso “que visa à preparação de profissionais altamente qualificados, por meio do desenvolvimento, aprofundamento e atualização dos seus conhecimentos em turismo, hotelaria, transporte, entretenimento e lazer”. Tem como público-alvo profissionais de nível superior e tecnólogos, interessados na especialização em administração para o desenvolvimento de sua carreira ou para gestão do seu próprio empreendimento. O MBA em Turismo, Hotelaria e Entretenimento é também oferecido por outras instituições, como por exemplo, no caso do Rio de Janeiro, pela Universidade Cândido Mendes.

Além disso, nas áreas ligadas às artes (música, cinema, artes plásticas) se não percebemos comumente uma discussão específica ligada ao lazer e à animação cultural, podemos sim identificar preocupações com a preparação do profissional que servirá como intermediário entre o grande público e as obras, mais complexas no contexto da contemporaneidade: o professor de educação artística, o mediador cultural ou monitor de exposições, que também atuam como animadores culturais.

Todas essas importantes iniciativas de formação, sob pontos de vista e visões de mundo diversas, procuram apontar os caminhos, os desafios, os limites e as perspectivas para que seja possível preparar o animador cultural que atuará nos mais diversos âmbitos de intervenção. Contudo, somos forçados a admitir que: a) ainda estamos longe de compor um quadro seguro de reflexões relativas a uma boa qualidade de formação; b) grande parte dos profissionais de lazer atuantes no mercado não teve acesso a tais pensamentos e ainda atua de forma no mínimo simplista, para não dizer equivocada.

Alguns fatores por certo dificultam a implementação de uma formação de melhor qualidade do profissional de Animação Cultural⁸, entre elas:

- a) a tradição histórica, que muitas vezes ainda confunde a atuação no âmbito do lazer e da animação cultural com o simples oferecimento de uma série de atividades. Por isso é comum encontrarmos cursos e livros que nada mais fazem do que apresentar um repertório de brincadeiras, sem uma discussão teórica mais consistente. Em alguns locais podemos dizer que este ainda é o pensamento hegemônico;
- b) a compreensão de que trabalhar no âmbito do animação Cultural é simples e que qualquer um pode atuar, bastando ter alguns características de personalidade (ser divertido, ter carisma) e saber muitas brincadeiras;
- c) as características multifacetadas do mercado de atuação profissional. Imagine-se a dificuldade de formar um profissional que pode atuar nos mais díspares postos de trabalho.
- c) o caráter não disciplinar da temática, afinal diversas áreas de formação estão relacionadas com a atuação do profissional: Educação Física, Dança, Artes Plásticas, Música, Teatro, Cinema, Psicologia, Sociologia, Comunicação Social, Administração, Turismo, entre outras;
- d) a desvalorização do profissional, não havendo ainda nenhuma regulamentação mais explícita relacionada com a jornada de trabalho, salário, condições de atuação etc.;
- e) o perfil exigido do profissional, complexo em função da peculiaridade do campo de atuação.

Quais são as práticas e qual o campo de trabalho do animador cultural? Como já dito, no Brasil as discussões sobre a animação cultural são recentes e encontramos as mais diversas denominações nos mais diferentes espaços de atuação. São comuns o uso indiscriminado de denominações como: recreador, professor, mediador, agente cultural, entre outras.

O campo de trabalho é bastante extenso e crescente: em clubes, ruas de recreio, colônias de férias, hospitais, empresas, festas infantis, acampamentos, projetos governamentais (normalmente comunitários), museus e centros culturais, projetos em comunidades (hoje a animação cultural é umas das principais estratégias de intervenção em comunidades de baixa renda), podendo atuar tanto diretamente animando o público-alvo ou como gestor/administrador de atividades, entre outras.

Muitas entidades privadas oferecem programas de animação cultural. Entre estas, destaca-se, pelas preocupações teóricas, bem como pela qualidade da intervenção, o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social da Indústria (SESI), que possuem longa tradição de envolvimento com o assunto e uma vasta rede de instalações em todos os estados brasileiros. Ambas são entidades patronais, mantidas por um imposto recolhido dos empresários do comércio e da indústria, atuantes desde a década de 40. Em certos locais e em certos momentos históricos, tais entidades chegaram a substituir a ação dos poderes públicos.

Vale destacar que em nosso país poucas também são as discussões relacionadas a animação cultural no âmbito das escolas, ainda restritas em sua maioria a uma formação clássica. A animação cultural, seja qual for o local em que é observada, normalmente tem sido identificada como estratégia de intervenção no âmbito não-escolar e/ou no âmbito do lazer.

Enfim, este é o quadro que se apresenta no Brasil. As temáticas lazer e a animação cultural nos últimos 20 anos têm se tornado cada vez mais uma preocupação e avançam as iniciativas ligadas tanto à reflexão teórica sobre o assunto quanto ao número de experiências concretas de intervenção. Mas ainda são enormes os desafios a serem encarados e muitas as ações e as tarefas a serem encaminhadas para tornar qualitativamente superior nossa compreensão e nossa capacidade de intervenção.

Uma das dimensões importantes nesse processo de desenvolvimento por certo é o contato com as experiências em desenvolvimento em outros países, tanto da América Latina

⁸ . MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Uma introdução aos estudos do lazer*. São Paulo: Manole, 2003.

quanto da Europa. Congressos como este são fundamentais para contribuir para nosso avanço e esperamos que seja um passo concreto no sentido de estabelecimento de uma rede eficiente de colaboração.